

O Que a Vida Me Ensinou

CAYETANA STUART Y SILVA
DUQUESA DE ALBA

O Que a Vida Me Ensinou

Tradução de:
Duarte Sousa Tavares

Pergaminho

CAPÍTULO I

Quem busca sempre alcança

Deus, o meu Cristo dos Ciganos, a minha Virgem da Macarena, atenderam as minhas preces e, no dia 5 de outubro de 2011, realizei por fim outro dos sonhos da minha vida: casei-me com Alfonso Díez, o meu terceiro marido, o meu companheiro. Agora, sinto menos medo da solidão, e espero que ele seja o meu último amor. Ainda que, às vezes, entre amigos, brinque ao «nunca se sabe».

Como o mundo inteiro pôde ver, casei-me na capela das Dueñas¹, à uma da tarde, rodeada de três dezenas de amigos – os mais íntimos – e dos meus filhos. Bom... não de todos os meus filhos. A minha felicidade não pôde ser completa, porque Eugenia e Jacobo não estiveram comigo neste dia tão importante.

A primeira porque ficou presa no hospital, com varicela e febre alta, e Jacobo porque... Já não tem importância. É meu filho e, ainda que gostasse de tê-lo tido ao meu lado, a vida ensinou-me que depois da tempestade vem a bonança e agora posso dizer que já está tudo resolvido entre nós.

Enquanto avançava até à capela pelos corredores do palácio que tanto amo – aqui passei parte da minha infância, aqui debu-

¹ Palácio de las Dueñas, um palácio renascentista dos séculos XV e XVI, residência habitual dos duques de Alba em Sevilha. (N. do T.)

tei e aqui festejei o banquete do meu casamento com Luis, o meu primeiro marido – tive de agarrar-me com força ao braço do meu filho mais velho, Carlos, duque de Huéscar e meu padrinho de casamento, porque o coração começou a bater muito depressa, mais do que poderia ter imaginado.

Aos nervos de poder casar-me com Alfonso, depois de três anos de guerras, gritos, súplicas e lágrimas – agora já o posso dizer –, juntou-se a alegria de ouvir as centenas de pessoas que se amontoavam em frente à porta principal das Dueñas.

Já enquanto me vestia, me tinham contado as coisas maravilhosas que os sevilhanos estavam a dizer sobre nós: desde o «*Guapa!*» que me dizem tantas vezes e que me surpreende sempre, até «Vivam os noivos!» ou «És grande, Cayetana!». Ouvir essas vozes ao fundo, com aquela graça e aquele sotaque de que tanto gosto, emocionou-me incrivelmente. Sevilha esteve sempre ao meu lado. Sempre. Nunca me faltou nos momentos mais difíceis.

Por isso, depois de termos dito o emocionado sim ao padre Ignacio, e quando a cerimónia acabou e recebemos os primeiros abraços dos meus filhos e dos poucos amigos que convidámos, disse a todos que ia cumprimentar as pessoas que continuavam a chamar por mim. Alfonso foi comigo. Tinha de mostrar o meu agradecimento àquela gente, que me esperava desde as primeiras horas da manhã.

DESATEI A DANÇAR SEVILHANAS

Assim que saí para a rua, que ouvi as palmas e os piropos, a minha alma aqueceu e a música e a vontade de dançar começaram a subir-me por dentro. Sem dar conta, as minhas mãos

ergueram-se para o céu, como se a própria Pastora Imperio², a minha mestra, me estivesse a comandar. Não me lembro muito bem como descalcei as sabrinhas que trazia, nem como conseguiram aguentar os meus pés cansados e magoados, que cada vez sofrem mais por carregar comigo.

Mas a dança, o *flamenco* e Sevilha, que formam a amálgama do meu mais autêntico espírito interior, conseguiram amparar-me e dancei aqueles passos. Bem sei que não foram os de uma grande bailarina – que já fui –, e sim os de alguém a quem o *flamenco* e o dedilhar de uma guitarra já muitas vezes na vida salvaram da tristeza.

De braço dado com Alfonso, que me calçou as sabrinhas para voltar a entrar nas Dueñas, atravessei as portas onde me esperavam os meus filhos, as suas mulheres e os meus amigos mais queridos. Aturdida e eufórica por aquilo que tinha vivido no meio do povo sevilhano, como poderia não mandar que servissem cerveja e canapés àquelas pessoas que tinham esperado ali toda a manhã?

Repartir e partilhar foi sempre a minha principal preocupação, algo que a Casa de Alba sempre fez nas grandes ocasiões. Tratarmos de que as pessoas que gostam de nós sejam sempre atendidas, sejam quais forem as circunstâncias.

Em nenhum momento tive consciência de que, com aqueles passos tão simples à porta do palácio, estava a escrever mais uma página na minha extensa biografia. Só quando vi os noticiários é que percebi. Bom, pelo menos, entre tantas notícias tão más sobre a crise económica, nesse dia, houve quem sorrisse ao ver-me.

² Pastora Rojas Monge (1887-1979), bailarina sevilhana, foi uma das figuras maiores do folclore *flamenco*. (N. do T.)

Sim, foi um momento mágico e saiu-me do coração a vontade de atirar o meu buquê de rosas brancas em botão a quem ali estava. Que digam o que lhes apeter – como sempre aconteceu comigo, houve várias interpretações –, mas os meus passos de dança, o meu gesto e a minha alegria foram tão espontâneos que nada poderá roubar-me a magia daquele momento. Depois, quando vimos as imagens na televisão, sorri cheia de ternura, tanto por causa das pessoas como pelo medo de Alfonso de que eu caísse enquanto dançava. Essas mãos que se veem estendidas na direção das minhas costas, para me proteger, dão-me segurança.

Nas conversas dos dias seguintes, alguns amigos contaram-me que os meios de comunicação social de todo o mundo, desde o *Washington Post* até à BBC, davam notícia do meu casamento e mostravam-me a dançar, espantados – soube depois que uma produtora chegou a pagar oito mil euros por uma varanda, uma coisa que me deixa sempre desconcertada. Não só estavam surpreendidos pela diferença de idades entre a duquesa e o seu charmoso marido – ninguém nega que Alfonso é charmoso –, mas também por causa de Sevilha e das suas gentes à porta das Dueñas. «A duquesa de Alba, de oitenta e cinco anos, casou-se com Alfonso Díez Carabantes, de sessenta», destacavam esses meios de comunicação. O que mais lhes chamava a atenção eram os vinte e cinco anos de diferença.

Já se passaram quase dois anos e aqui estamos, juntos, porque, como sempre defendi desde que tenho uso da razão, o amor não tem idade. E Alfonso, terceiro duque consorte de Cayetana, 18.^a duquesa de Alba – que sou eu –, tornou-se, para além de meu companheiro e de meu suporte, um amigo íntimo dos meus filhos Carlos e Eugenia, e também de Cayetano, com quem se dá muito bem. Tinham protestado fora das portas da

nossa casa. Os outros também não se ficaram atrás, mas fizeram-no com maior subtileza, dentro de portas.

Ainda que eu seja uma pessoa com sorte e que só peça que a vida continue assim, com o sossego e a felicidade de que desfruto agora, até que Deus decida chamar-me – o que espero que seja depois de fazer cem anos – não posso deixar de me perguntar, por vezes, de que serviu tanta tensão entre mim e os meus filhos. A quantos desgostos nos teríamos poupado se tivessem acreditado em nós desde o princípio. Alfonso queria-me apenas a mim, porém, enquanto não assinou a renúncia à herança e não repartiu o legado dos Alba por eles, a poeira não assentou.

Agora, tudo isso pertence ao passado, graças a Deus e ao meu espírito guerreiro. E aqui estou, disposta a retomar estas memórias, que ficaram paradas nas vésperas do casamento com Alfonso, e a preparar a viagem à Tailândia, que escolhi como lua-de-mel, mas que nos aconselharam a adiar. Tínhamos de descansar, depois daquele dia de outubro, porque os preparativos do casamento e as emoções fortes tinham-nos deixado esgotados.

DE BRAÇO DADO COM ALFONSO

Se alguém pensa ou acredita que existe em mim um pingaço que seja de premeditação, é porque não me conhece de todo. E, além disso, se sempre fiz aquilo que queria – com algumas exceções importantes, naturalmente –, não vou mudar agora, nesta altura da minha vida. Faço o que faço e quero o que quero. Ponto final.

E queria um dia perfeito. De braço dado com Alfonso, então já meu marido, voltei para junto dos convidados, para nos feli-

citarem. Naquela altura, a minha nova preocupação era que a ementa do banquete saísse tão bem quanto havíamos planeado com o pessoal da Casa. Eu mesma me ocupei dela durante semanas. Desta vez, resolvi não contratar o *catering* de fora, e preparar tudo nas cozinhas das Dueñas. Como não éramos mais de quarenta pessoas, era possível ser feito.

Admito que a preocupação com o banquete não seja muito romântica – e eu sou, e muito –, mas tenho a certeza de que não há nenhuma noiva que não sinta o pânico, a aflição, de que alguma coisa corra mal nesse dia tão ansiado. E tinha-nos custado tanto, a Alfonso e a mim, chegar àquele momento, que o meu empenho para que tudo corresse bem me parecia bastante lógico.

«SIM, ACEITO»

Ainda assim, o mais importante tinha acontecido na capela, quando dissemos «sim, aceito» ao padre Ignacio, meu amigo desde há muito tempo. Sei que há pessoas que não entendiam a minha ânsia para me casar outra vez. «Para que é que precisas disso, Cayetana, se podes fazer tudo o que quiseses?», diziam-me alguns. Talvez seja verdade que possa fazer tudo aquilo que queira aqui, na terra – o que já não é verdade no céu –, mas, perante Deus, não, de todo. Sou católica, e praticante. Se queria que Alfonso acordasse todos os dias ao meu lado, teria de ser com uma bênção.

Depois de nos termos casado, estava preocupada com a maneira como iria correr o resto do dia, mas não muito. Na tarde anterior, os empregados das Dueñas tinham deixado tudo pronto. Como, por exemplo, as flores que tinha trazido

Marta Pasterga, da Búcaro³, para enfeitar de cor-de-rosa e branco as cadeiras e as mesas que se repartiam pela casa de jantar e a galeria, arranjadas como o meu pessoal aprendeu a fazer comigo, com graciosidade, simplicidade e elegância. Tínhamos decidido que os arranjos florais fossem também da casa, com hortênsias e buganvílias. São duas flores de que muito gosto, ainda que as primeiras, mais imponentes, peçam sombra e água, e as buganvílias, alegres, vivas e trepadoras, precisem de luz e de calor. Adoro buganvílias, e Anamari, a minha governanta, sabe-o bem, por isso, preparamos muitas vezes os arranjos com essa flor.

Dispusemos os arranjos e decidimos que seria servido um bufete, em vez de fazer uma mesa formal com lugares à cabeceira. É mais confortável para as pessoas, mais descontraído, porque se pode conversar com quem se quiser e não é preciso inventar temas simpáticos para falar com o convidado que calhou sentar-se ao nosso lado e que, provavelmente, não tem muito que ver connosco.

Nas cozinhas, preparou-se uma ementa com um toque andaluz, como eu gosto. Em Sevilha, outubro ainda é um mês quente e era importante haver entradas frias. Tenho à minha frente uma ementa, ainda que a saiba de cor. Mas vou ser mais precisa: como entradas frias, foi primeiro servido um gaspacho com hortelã – sou apaixonada por gaspacho e sempre soube fazê-lo muito bem –, depois, tortilha espanhola e salada de enguia e caviar. Para os pratos quentes, tivemos de pensar um pouco mais, porque não podia ser nada muito pesado, para deixar espaço para as sobremesas. Foi servido arroz à provençal, acompanhado de gambas

³ Uma das mais elegantes floristas de Madrid. (*N. do T.*)

brancas de Huelva, e lagosta com molho americano; a seguir, turnedó de vitela com molho *béarnaise* e uma mistura de acompanhamentos, feita com pimentos *padrón*, cebolinhas francesas, batatas ao estilo ducal, e aves com limão no seu caldo com verduras variadas salteadas, acompanhado de salada mimosa. Para sobremesa, escolhemos toucinho-do-céu, tarte de amêndoa com calda de leite condensado e bomba de chocolate com calda quente de torrão. Não será preciso dizer que não provei quase nada. O meu estômago não dava para tanto. Ainda estava cheio com os nervos com que tinha acordado de manhã.

Na véspera do meu casamento, dormi sozinha – só estavam em casa pessoas da minha absoluta confiança – porque estava decidida a cumprir todos os rituais que manda a tradição. Os meus filhos chegaram no dia seguinte, pela manhã, a maioria de Madrid, para assistir à cerimónia. No fim de contas, era uma quarta-feira, dia de trabalho.

Na tarde anterior, obriguei Alfonso e a sua família a ir para o hotel onde tinham quartos reservados. E não, tenho de dizer que não acordei nervosa com medo de que o noivo não aparecesse – tenho uma fé enorme nele e sabia que não me iria falhar depois do que tínhamos passado –, mas sim de que acontecesse algum imprevisto que estragasse tudo.

UM DESGOSTO DE ÚLTIMA HORA

Houve um momento, quando soube da varicela de Eugenia, em que tive medo. Já era azar que estivesse doente e com tanta febre que tivesse de ser internada no hospital. Esse pormenor confirmou-me que nem tudo na vida se pode controlar.

Esses mesmos nervos fizeram com que de manhã tomasse apenas o sumo de frutas do costume. Tinha medo de que me desse um nó no estômago. Optei pela prudência, porque me sentia inquieta.

E não eram as borboletas que costumava sentir sempre que estava à espera de Alfonso. Era, simplesmente, a ansiedade de todas as noivas. E, além disso, se se tiver em conta que tinha precisado de enfrentar praticamente o mundo inteiro para chegar onde estava, percebem-se os meus nervos.

Ainda que soubesse que não tinha de me preocupar com nada, senti-me muito mais aliviada quando Alfonso chegou às Dueñas com bastante tempo de antecedência. O casamento estava previsto para a uma da tarde e ele chegou ao meio-dia, como me disseram as pessoas mais íntimas, as mesmas que me contaram como estava bonito e como o fraque lhe assentava bem, o que eu já sabia de antemão. Como não queria que me visse com o vestido de noiva, estive longe dele até ter saído do meu quarto pelo braço de Carlos.

Deixei que as pessoas mais íntimas me vissem – a minha leal Anamari e Lola, a minha querida secretária – e que uma criada me desse os últimos retoques. Em frente ao espelho, não tive tempo de pensar quem era eu nem para onde estava a ir de novo. Ainda que tenha crescido rodeada por intelectuais e tenha sido casada com dois homens muito inteligentes, sempre tive consciência das minhas capacidades. Não sou uma intelectual. Quando muito, sou alguém com alma de artista, que talvez tivesse sido uma boa bailarina ou pintora, se não tivesse tido de cingir-me ao papel de duquesa de Alba, por ser a filha única de Jacobo Fitz-James Stuart, 17.º duque de Alba, e de Rosario de Silva y Gurtubay, marquesa de San Vicente del Barco.

COR-DE-ROSA-PÁLIDO E UNS TOQUES DE *FLAMENCO*

Sou uma mulher com um pouco de sangue cigano e um pouco de magia, sempre disposta a viver a vida o melhor possível. Nem tive tempo nem me passou pela cabeça perder-me em pensamentos transcendentais e perguntar-me porque me estava a casar e essas coisas que uns quantos amigos – sempre com boas intenções – quiseram que fizesse. Era tudo muito mais simples. Ia casar-me porque estava apaixonada. Por isso, a mulher que estava em frente àquele espelho sentia-se suficientemente satisfeita com o vestido cor-de-rosa-pálido que os meus amigos Victorio e Lucchino tinham desenhado para mim. Apesar de tudo, num último relance, assaltou-me a dúvida e, ainda que já não houvesse volta a dar, perguntei-me se seria a roupa ideal.

O meu cabelo branco aos caracóis – do qual me sinto bastante orgulhosa – e o meu tom de pele ficavam perfeitos com aquele vestido, com a altura de que eu gosto, ligeiramente abaixo do joelho. Tal como tinha combinado com eles, era um vestido de estilo romântico, em gaze de seda natural e renda de Valenciennes. O decote à barco e as rendas permitiam-me mostrar uma das partes que mais gosto em mim, o decote. O que sempre tive, ao longo de toda a minha vida, foi uma «boa figura», como se costumava dizer, mas, tirando a boca e o sorriso – que me dizem que é o que tenho de mais atraente –, tudo o resto, na verdade, é bastante banal.

Graças a Deus, há muito que perdi os quilos que engordei quando entrei nos sessenta, e já posso usar cintos que me marcam a cintura, como o de veludo verde-lima que adornava o vestido. Quanto ao resto, as sabrinas forradas com o mesmo tecido do vestido eram suficientemente cómodas para me sen-

tir confortável, ainda que não tenham sido as ideais para aqueles passos de *flamenco* à porta das Dueñas, nem durante a festa que houve depois do almoço.

Depois desse último relance, e sem querer preocupar-me demasiado se o vestido era ou não o mais acertado, saí do meu quarto pelo braço do meu filho e dirigimo-nos para a capela. Lá, à minha espera, estava Alfonso. Tão bonito quanto me tinham dito. E voltei a confirmar nos seus olhos que estava tudo bem.

Começou a cerimónia. A capela, a dança à porta, o almoço. Passou tudo a correr, ainda que me lembre perfeitamente da sensação de felicidade que me invadiu quando dancei com Curro Romero e depois com o meu filho Cayetano. E também com Fran, o ex-marido de Eugenia, sobre quem não quero, por agora, fazer mais nenhum comentário, porque me desiluiu bastante⁴.

Apesar de estar muito cansada, os meus pés iam atrás dos do meu filho Cayetano e dos de Curro, que dançam muito bem, e Alfonso – meu filho, o duque de Aliaga – também é um dançarino fantástico, para além de um grande guitarrista. Quando comentámos com uma amiga que foi o grupo Siempre Así que ficou encarregado da música, o mesmo que tocou durante as provas de atletismo de Sevilha em 1999, ela lembrou-me que também tinham cantado no casamento da infanta Cristina. Que tristeza me dá agora essa história!

Depois do almoço, ainda à mesa, tive uns momentos para respirar e pude ficar à conversa com a minha amiga Tere Pickman,

⁴Francisco Rivera Ordóñez – Fran – e a duquesa têm trocado na imprensa espanhola acusações e desmentidos por causa de um processo judicial pela custódia da filha de Fran e Eugenia, de que se falará mais à frente. (N. do T.)

mulher de Diego Miranda, e irmã do duque de Primo de Rivera. A verdade é que nunca poderei esquecer o apoio que Tere e Diego nos deram, a Alfonso e a mim. Desde o início que nos incentivaram, e o meu marido simpatiza muito com eles. Por isso, Tere era a pessoa ideal para estar ao meu lado naquele momento e para partilhar a minha felicidade, pois eu tinha alcançado o meu objetivo.

Descansei um pouco e depois, por volta das sete da tarde, quando já estavam todos cansados, comecei a despedir-me dos amigos e dos meus filhos, que se iam indo embora das Dueñas. Ficámos em casa com os mais íntimos, e Alfonso teve de prestar atenção à sua família, parte da qual tinha vindo ao casamento, como a sua irmã Begoña, que acho muito simpática e agradável.

Chegava ao fim um dos dias mais importantes e mais felizes da minha vida, ainda que, como já disse, a felicidade não tenha sido completa. Gostaria tanto de ter tido Eugenia a meu lado! Afinal de contas, e apesar das nossas brigas de mãe e filha, é a mais nova e a única rapariga, pela qual ansiei desde que tive o meu primeiro filho homem. Aquela maldita varicela tinha-a afastado de nós num dia tão extraordinário. Mas, o mais importante era que, apesar da febre tão alta e de ter tido de ficar ainda mais uns dias no hospital, acabasse por recuperar. A varicela num adulto não é brincadeira. Falei com ela pelo telefone, mandei-lhe um beijo, e tratei de aproveitar o dia com quem tinha ficado.

OS MEUS GASPACHOS

Como já disse, adoro gaspacho. Há tantas maneiras de os fazer como casas e terras, mas o azeite, o nosso azeite, é a alma de todos eles. Ficam aqui duas das minhas receitas preferidas:

Gaspacho andaluz com hortelã

Ingredientes para 6 pessoas

1 kg de tomate encarnado e rijo

100 g de miolo de pão caseiro

1 dente de alho pequeno

1 colher pequena de sal

½ pimento verde

½ pepino

1½ dl de azeite virgem

½ dl de vinagre de vinho ou de xerez

Hortelã fresca

Água fria

Como guarnição: cebola, pimento, tomate e pepino, tudo finamente cortado. E, também, pão cortado aos quadrados e, para quem queira, ovo cozido picado.

Modo de preparação

Demolhar o miolo de pão em água para que fique mole.

Lavar o tomate, tirar-lhe a pele e as sementes, cortá-lo aos bocados e pô-lo no liquidificador.

Juntar ao tomate o alho, o sal, o pepino sem casca e cortado, o pimento cortado, a hortelã fresca e um pouco de água.

Enquanto se tritura, juntar o azeite, o vinagre e o pão.

Temperar com sal e vinagre e juntar água se necessário.

Passar pelo coador ou por um passe-vite fino para que não fiquem peles do tomate.

Guardar no frigorífico, tapado para que não ganhe o sabor de outros alimentos, e servir muito frio, acompanhado pela guarnição.

Gaspacho estremenho

Ingredientes para 6 pessoas

100 g de miolo de pão

2 dl de azeite

2 dentes de alho

1 ovo cru (opcional)

½ dl de vinagre de vinho

Pimenta moída

Sal

Como guarnição: 4 tomates encarnados grandes e rijos, 1 cebola, pão e, para quem queira, pimento e pepino cortados aos bocados.

Modo de preparação

Esmagar os dentes de alho num almofariz ou numa picadora. Quando estiverem desfeitos, juntar o ovo – pode prescindir-se dele, porque nem todos os gaspachos estremenhos o levam –, bater e acrescentar o azeite aos poucos, como se fosse uma maionese ou *alioli*.

Quando estiver bem batido, juntar-lhe o miolo de pão ensopado em água e continuar a bater até formar uma pasta, a que depois se acrescenta água, até obter a consistência de natas.

Temperar com vinagre, sal e pimenta e guardar no frigorífico.

Servir com o seu picadinho como guarnição.